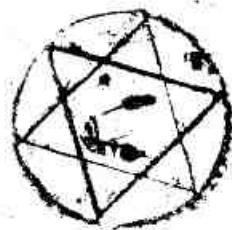


N 996

1926



**AVUL**

Pela Arte

Director: *Thiago Peixoto*

---

Iº TOMO

---

Curityba — Paraná  
— Brazil —





# AZUL

ANNE I.

Pela Arte

TOMORROW

**Redacção:** Santa Rita Júnior, Evaristo Pennetta, Nicolau dos Santos, Adolpho Werneck, Euclides Bandeira e Thiago Peixoto.

**Curityba, 4 de Março de 1900.**

# AZUL

iris unicolor e pando enchendo  
toda a amplidão, thebaida astral  
das almas nobres, Azul, ante a  
fachada byzantina da cathedral  
faustosa onde Ella, a Suprema  
Deosa Immortal, irradia sobre um  
solio opalescente de turqueza e  
ouro, a ti, Azul, erguemos as  
nossas frontes engrinaldadas de  
sonhos para que sobre elllas desça,  
n'uma endosmose amplissima de  
luz, o teo effluvio inspirador, para  
que sobre elllas caia a pulverisa-  
ção da via-lactea aberta no teo  
manto, desdobrada no teo manto!

Guia-nos a nós os pequeninos,  
guia-nos, Azul, com tua claridade  
soberana ao sacrario augusto, ao  
capitolio divino da Arte, onde os  
templarios do Ideal, os coloristas  
da Phrase, os cinzeladores da For-  
ma, iniciados nos magnos mysterios  
do Bello impeccavel, genu-  
flexos e recolhidos, erguem para  
Ellá, n'uma oblação austera, o  
viatico resplendorado do Symbolo.

O' Azul, soturnamente calmo,  
pomposamente em gala, deixa que  
aos hymnarios dos que vivem de  
tua luz, juntemos os nossos psalmos,  
as nossas glorias *in excelsis*,  
suggestionados por tua poesia  
nostalgica e serena, pelo teo en-  
canto incomparavel! Joelhos em  
terra e mãos erguidas para Cima,

para as Alturas, onde te desdobras infinitamente magestoso n'esse te-deum pagão, offerecemos te, pois, ó Azul! na salva de prata de nossas almas que alvorecem, no boстиario immaculo de nossos corações, os nossos sonhos alados de mocos! Purifica-os, Azul, etherisos, para que elles possam ascender até Ella, n'uma alleluia de estrellas, para que elles possam cahir — castissimos e puros — aos pés da Immaculada. O' Azul! ó Azul! que de tua serenidade astral para onde se evola o clangor afflictivo das agonias, das desesperanças, das desillusões da alma humana tão vasta, tão mysteriosa, tão pungentemente dolorosa! ó Azul, que do teo relicario santo, confidente dos sonhos dos Poetas de outr' ora que se foram, esmagados e vencidos, sem poder corporizar na Palavra esta Dôr muda que fluctua intangivel, espectral e fria pelo Universo inteiro; Azul, que de tua esphera sideral, jorrando uma caudal de luz, irrompa uma madrugada em flor, uma alvorada de noivos, para illuminar a nossa Fé, para apotheosar o nosso Ideal!

Azul! Reino secreto de todos os misterios, a nós a tua piedade infinita, ó galaxia azul de Magoas deluidas e de Illusões desfeitas, e sobre nós, alfin, é Azul, distende o teo pallio tremulo de estrellas, de sôes e de luar e de astros!

## Região Azul...

As aguias e os astros abrem aqui, nesta doce, meiga e miraculosa claridade azul; um raro rumôr d'azas e uma rara resplandescencia solememente immortaes. As aguias e os astros amam esta região azul, vivem nesta região azul, palpitan nesta região azul. E o azul, o azul virginal onde as aguias e astros gozam, tornou-se o azul espiritualizado, a quintescencia do azul que os estrellejamentos do Sonho códam...

Musicas passam, perpassam, finas, diluidas, finas, diluidas e d'ellas como se a côr ganhasse rythmos preciosos, parece se desprender, se diffundir uma harmonia azul, azul, de tal inalteravel azul, que é ao mesmo tempo colorida e sonóra; ao mesmo tempo côr e ao mesmo tempo som...

E som e côr e côr e som, na

mesma ondulação rythmal, na mesma etherificação de fórmas e velupias, conjunctam-se, compõem-se, fundem-se nos corpos alados, intégram-se n'uma só onda de orchestrações e de côres que vão assim tecendo as auréolas eternae das Espheras...

E dessa musica e dessa côr, dessa harmonia e dêsse virginal azul vem então alvorando, atra vez da penetrante, da subtil influencia dos rubros Canticos altos do sól e das soluçadas lagrimas nocturnas da lua, a grande Flôr original, maravilhosa e sensibilisada da Alma, mais azul que toda a irradiação azul e em torno á qual as aguias e os astros, nas magestades e delicadezas das azas e das chammas, descrêvem claros, largos gyros ondeantes e sempitérnos.

CRUZ E SOUZA.

## ♦ MEDIEVAL ♦

### I

Dona Rozalba, minha Senhora  
Fenecem flores nos teus jardins,  
O inverno avança, — sinistra auróra, —  
Despetelando brancos jasmins.

Lyrios e cravos jazem tristonhos,  
Noctambulando com o luar!..  
Dona Rozalba, voam os sonhos  
Que o branco inverno vem a chorar!

### II

Partio c'o inverno seu namorado  
O pagem louro do seu solar,  
Plumas ao vento, seda e brocado,  
Louro, sorrindo para o luar!

### III

Dona Rozalba vê com saudade,  
Neve cahindo no seu balcão!  
Quanta tristeza na sua herdade,  
— Tumulo aberto para a amplidão —!

### IV

A primavera voltou de novo  
Cheia de sonhos e madrigaes,  
E foi florindo de povo em povo...

Mas o seu pagem não voltou mais.

THIAGO PEIXOTO.

## Flôr do Nevoeiro

Dezerto! O azul dezerto!  
Fachas de prata de luar não  
envolviam estrellas de oiro.

Nevoeiros galopavam!  
Brumas e ventania!

Inverno...

Rozas de escarlate não entre-  
laçavam-se com os lyrios!...  
Lyrios não noivavam com estrellas!

Inverno!

Labios em fogo, — o incendio  
dos desejos os devorava, — bei-  
jei os seus labios mornos de al-  
vorada, sobre o balcão nevado!

O' Olhos de turqueza! ó Flôr  
do azul! ó Ether constellado!

Nevoeiros branquejavam.

Beijei-a tanto...

Rosas da primavéra! não vistes  
esse idyllo!...

Estrellas da primavéra! não  
vistes esse idyllo!...

Dezerto!

O céo estava dezerto

Rozas e lyrios voltastes!...  
Primavéra!  
... Não n'a  
vereis mais! minha branca  
noiva partio por entre os bran-  
cos nevoeiros!

Olhos azues! olhos astraes!  
Flôr do Ether...  
levou-os o nevoeiro.

Ella partiu porque chegastes,  
alvos lyrios!

Quando vio malvas florindo e  
rozas côn de seus labios, penden-  
tes em festões pelo seu balcão  
verde, fugio. . . .

Luar mensageiro dos beijos de  
luz das estrellas e dos perfumes  
dos lyrios... Ella tem péjo de  
vós! Queria que eu a beijasse  
entre os nevoeiros errantes...

Primavéra porque voltaste?

Lyrios da primavéra, sois noi-  
vo das estrellas e não as beijais!

Estava tysica, disseram... parti-  
u de branco, labios brancos por  
entre o branco nevoeiro!

Mentira! Olhos azues, brilhaes  
tão longe!...

Dezerto! O azul está tão dezerto!..

Branca noiva voltae!

Os lyriaes não têm mais lyrios  
— noivos indiscretos que sorriam  
espreitando, occultos entre folhas  
verdes!

Minha noiva voltae!

Morta? não crêde.

Ella tinha vergonha das estrel-  
las curiosas, das noivas palradoras.

Tinha vergonha das estrellas  
que espiam, noivas dos indiscre-  
tos lyrios. —

Branca! Nevoeiros galopavam!

Foi assim que Ella partio.

Inverno, trazei-me os olhos  
azues, trazei-me a flôr do ether..  
Trazei a minha noiva.

## Verdes!

Branca? Era como um  
alvo lyrio ao luar, nascido  
á madrugada!...

Nas brancas mãos lyriaes  
brancos lyrios pendiam á luz  
forte dos seus olhos verdes!

. . . Folhas de malvas!..  
ajoelhei-me, vencido.

Depois. . . não a vi mais..

Era tão linda!....

Sigo hoje pelas estradas  
que as palmeiras refrescam,  
margens abertas em flôr, e  
no emtanto, olhai! ferem-  
me tanto esses espinhos!..

Entre espumantes cascas-  
tas a rutilar, no alto, des-

cango a sombra, e a sede  
no emitanto incendia os meus  
sonhos de purpura! . . .

Estrellas de oiro que an-  
daes a irradiar no ether  
galvanizando os salgueiros  
de esmeralda! . . . Conheço-  
a tanto! Não rutila entre  
vós! E' verde a luz de seus  
olhos!

Branca como o pallor do  
nevoero! não a vi mais!

Era tão linda! . .

Ramos de oliveira! ó ra-  
mos de oliveira!

Lá do azul tremulo e lon-  
ginquo voltai! ó voltai de  
novo trazendo-me a espe-  
rança, olhos verdes, ó ver-  
des olhos tranquillos.

*Santa Rita Junior.*

## Grande gala

Que faceirice . . . Deus! . . . Esse elegante  
Vestido de nanzuk verde-montanha  
Dá-te, crê, a apparencia captivante  
De uma formosa lady da Bretanha.

Orna te a loura cabelleira ondeante  
Onde minh'alma, ás vezes, se emmaranha,  
Mimosa flor — tulipa fluctuante  
No Rheno azul da placida Allemapha.

Sobre o recamo e a delicada renda  
Que aos indiscretos o teo collo venda,  
Em espiraes de glaucas amethystas.

Pende um collar . . . Mas . . . onde vaes? persegues  
Alguem? buscas alguem? dize, o que segues  
O' sculptural modelo dos Artistas . . .

**ADCLPHO WERNECK.**

## A UMA DAMA

que flutua entre as dunas e  
tres da tarde pela rua Quinze.

Quando tu passas, tie-tac,  
Botinha verde de duraque,  
Sainha preta de fustão,  
Meo coração, que é uma invernia,  
Jardim que já não florescia,  
Abre uma bocca de leão.

E's linda! linda! linda! ainda  
Eu nunca vi couça tão linda,  
O' flor de luz do trottoir!  
Não sei porque vem-me a lembrança  
Typo de uma rainha de França,  
Quando te vejo assim passar...

Ouvir o amor, que bom seria,  
Cheia de graça, ave maria,  
Deases teos labios atravèz;  
Mas, lyrio azul, que nem me olhas,  
Os meos desejos, como folhas,  
Rolam debaixo de teos pés!..

EVARISTO PERNETTA.



## ATLANTE

Espumas de odio e furia, estortegas-te uivante...  
Mas nunca te erguerás, Atlante! O Azul celeste  
Peza: é de ouro e o ouro faz joelhar! Depois quizeste,  
Audacioso, sustel-o aos hombros de gigante!..

Blasfemias, pois, em vão. A pena que tiveste  
E' justa. Agora é andar pelo futuro adeante  
Assim, dobrado ao meio, assim, arfando, arfante  
Dentro do arnez de suor que a reluzir te veste.

Com tudo é um grilheta eril. Tens rijo o dorso:  
Não estalou ainda embora o globo ingente  
Desde o lendario tempo exija o teo esforço.

Mas, olha: s'elle fosse, em vez de um mundo de astros,  
O meo Tedio brutal, ó titan! ó valente!  
Estarias, como eu, a escabujar de rastros....

EUCLIDES BANDEIRA.

as humildes paixões de "Igul" picam a dignidade  
de distintos e laureados autores "Alma Penitente".

# ELEITA!

O sol, de olho intenso, apareceu muito cedo, delituando nuvens serodias que se esgarçavam pelo espaço, descerrando as palpebras da Natureza; despertando enamoradas, seismadoras e beijando-as meigamente, docemente, palmilhando-as de luz e vida. As flores, os passaros e as proprias noivas, anciosas, aguardavam o sol de hoje para, n'uma apoteose de luz, de aroma, de som e de amor, oscular as tuas plantas e almejar tua felicidade!

E, eis-as, ó minha Eleita! que riem por entre a frescura de suas petalas — thuribulos de incenso aromatisando o espaço! —

Os passaros, em hymnos estri-dulantes, vibrantes de gloria, desde muito cedo voejavam em bandos alacres, despertando virgens amorosas, avisando-as de teo aniversario. E as noivas, essas, cuja alma banha-se em amor liquefeito, genuflexas por sobre falbalas azul e rosa, balbuciaram o teo nome preludiando a prece da manha!...

Agora o céo é azul. E o teo olhar meigo e acariciador, é como o lucilar das estrellas. E este céo tão meigo, ó minha Eleita!... é o arauto do teo futuro risinho!

Tua existencia — fulgida trireme de marfim burlido — aligera, singrará por sobre mares de aromas, velejando ao largo, longe dos corações afflictos.

E o Céo, ó minha Eleita!... este Céo tão meigo, terno e consolador, amar-te-a doudamente, abençoará tua existencia, enquanto as estrellas lamuriantes, enciumadas da luz do teo olhar, quedar-se-hao tristes e lacrimosas!

— Serás, n'esse Mundo, todo ideal, uma esmeralda, encrustada

em corações afflictos, feridos de Amor!

Eleita... solta, sem temor, as amarras d'essa trireme de marfim burlido!... deixa-a! O velho timoneiro, annebrindo pelo aroma do Oceano, velejará para o Senho, sempre para o Sonho... e lá, ó doce Eleita!... lá, n'essa região azul, serás ainda o symbolo do Amor!...

*Alfredo de Sarandy.*

Rio, éra de 99.

## Rimance

Clelia, a soberba rainha do paiz Azul passou um dia pelo meo Tugurio.

Era divina.

Tinha o pallor das flores outonnaes e havia nos seus olhos, serenas blandicias de luares tibios.

Sonhei-a.

Os seus cabellos eram misteriosos, presagos de fatalidade e nelles morava o silencio atterrador da noite.

\*  
Augurio....

Um dia a encontrei bem perto.  
Presidia o festim do solar.

Harpas do céo tangiam canções dolentes.

Sinto saudades.

Saudades desse dia em que a vi passar altivamente bella pelo meo Tugurio.

Choro.

São lagrimas doces copiosamente derramadas no intimo d'alma.

Flores esmaecidas!..

\*  
Fôra-se como os sonhos da primavera, almas deixando em funda nostalgia.

Amo-a.

Tenho-a no intimo, a preludiar os cantos d'uma poema exelso.

Amo-a.

Sinto a sua voz dulcissima des-

ferir cantando uma elegia ardente,  
apaixonada.

Amo-a

Oh! felicidade! oh! illusão

NICOLAO DOS SANTOS

## DOLENCIA ASTRAL

Ha por todo o infinito uma magoa infinita,  
Qual se fluidos de dor corressem pelo espaco...  
Astros! vés que cantaes, por vossa bocca d'aco,  
Um selvagem hymnario audaz — forte e exquisita.

Harmonia que fere o Azul como um fracasso...  
Rompei, co' o alfange cruel de vossa luz bendicta,  
Essa desolação que se espalha, e gravita  
Para a terra, seguindo um torturado traço...

Azul! Velario azul, brilhante e estrellejado!  
Oh! que immensa tristura exhala-se, empolgante,  
Desse véo e o universo punge e vibra e agita...

Paira, no pallio azul por sobre nós arqueado,  
A dolencia augural de Outonno desolante...  
— Ha por todo o infinito uma magoa infinita!

ARISTIDES FRANCA.

## Historico da ideia de Deos

(Burnouf)

A antiquidade grega, e sobretudo as escholas de *Platão* e de *Aristoteles*, comprehenderam perfeitamente que toda doutrina philosophica gyra em torno d'uma ideia fundamental, d'uma definição, a definição de Deos. *Platão* foi o primeiro a esclarecer esta ideia que, conforme seo exprimir, ilumina todo o mundo intellectual e dá o principio da sciencia. Chamou-o *Bem*, como diríamos hoje „perfeição.“ Apezar da sua natureza metaphysica, e deos de *Platão* parecendo, a *Aristoteles*, muito pessoal e muito directamente

mesclado ás cousas, para não ser muitas vezes um obstaculo á sciencia positiva. E isso porque acarrefava elementos *a priori*, que a experientia poderia não verificar.

A eschola de *Aristoteles* representou, entre os Gregos, isso que hoje denominamos espirito scientifico; arrancou ao deos de *Platão* esta personalidade gravosa, reduzi-o ao papel de causa final, fazendo delle a meta que o universo procura. Assim procedendo, deixou nas cousas a causa efficiente ou activa, cujos phenomenos de toda especie são, com efeito, as manifestações. Deos foi o limite do desenvolvimento total e parcial das cousas, si nos permittem uma expressão que

pedimos ás mathematicas. Para *Platão*, Deos era antes a „somma“ das forças activas. Obedecendo á uma corrente de idéas vinda do Oriente, esse mestre déra, como os Indianos e os Persas, á esta „somma“, uma individualidade distinta do mundo.

Todavia, o deos de *Platão* não era criador, no moderno sentido desse vocabulo. Ninguem, na antiquidade, teve o pensamento de suppor que o nada precedesse o mundo; não havia, nas linguas antigas da Europa ou da Asia, palavra alguma que exprimisse uma tal concepção. A doutrina platonica tinha, apezar da personalidade divina, um carácter pantheista nitidamente assinalado. E porque ao mesmo tempo abrisse portas ao mysticismo, porque servisse de base á uma moral elevadissima, porque provocasse a reforma social, foi adoptado por muitos espiritos superiores e inspirou o ensinamento philosophico do Múseu de Alexandria.

Quando as associações christãs estenderam-se e consolidaram-se, saindo das classes populares, começaram a fazer proselytos nas classes instruidas da sociedade greco-latina, abhi encontraram o platonismo florescente. Ha pouca metaphysica nos tres primeiros Evangelios, si bem que *S. Paulo*, e sobretudo seo interprete, *S. Lucas*, não fossem alheios ás letras gregas. O quarto ja delle está impregnado e começa por uma theoria, cujo carácter pantheista a ninguem escapa. Os Padres da egreja grega, sobretudo os mais antigos, pensaram á maneira do evangelista e introduziram, em parte ao menos, *Platão* na egreja.

A egreja do Oriente, que conservou o titulo de orthodoxa, em oposição á de Roma, é muito menos afirmativa qua esta no tocante á personalidade divina. A doutrina espalhada em seos

autores sagrados e livros liturgicos, approxima-se, por um lado a *Platão*, por outro á Persia e á India; sem estar afastada do pantheismo da Asia. Pode-se attribuir esse caracter á persistencia do genio hellenico e á pouca influencia exercida sobre elle pelos Semitas. Após a conquista romana, a civilisação grega continuou sua marcha nas regiões situadas para além do Adriatico; as pequenas synagogas dos Judeos nada eram entre a sociadade sabia das cidades gregas; e, quando a doutrina christã saio das egrejas nascentes, para se espalhar pelo mundo hellenico, este fel-a sua e absorveo-a, em virtude desta força de assimilação que foi sempre o caracter frisante do genio grego.

O contrario deo-se com os Latinos. Tudo que vinha dos gregos era ahí mal acolhido. O espirito positivo e tacanho de Roma incommodava-se com as especulações orientaes; as theorias alexandrinas não tiveram successo entre os Latinos, onde tão sómente soffreram afastamento. Das philosophias da Grecia e do Egypeto hellenico aproveitaram sómente o que se podia coadunar com o realismo latino. *Santo Agostinho*, embora combatendo á outrance o dualismo persa dos Manichéos e o pantheismo d'Alexandria, servia-se dos argumentos de *Platão* que podessem apoiar sua propria doutrina e satisfazer o espirito metaphysico, medioeremente exigente, dos pensadores occidentaes; mas só isso utilisara. (Continua.)

*Carlos Raposo.*

Rio de Janeiro, 17—2—1900.

#### Expediente.

O AZUL sera publicado quinzenalmente.

#### ASSIGNATURA:

2 mil rs. por trimestre.

#### REDACÇÃO:

PRAÇA DA REPÚBLICA N.º 4

→ „Typ. Der Beobachter“ ←